



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

WELMA DOS SANTOS BRANDÃO

FORMAÇÃO DOCENTE: as reflexões sobre a trajetória de vida e de formação de uma educadora do Município de Anapu.

ANAPU – PARÁ

2022

WELMA DOS SANTOS BRANDÃO

FORMAÇÃO DOCENTE: as reflexões sobre a trajetória de vida e de formação de uma educadora do Município de Anapu.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), através da Universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a. Esp. Dienne Marly de Souza Pontes.

Avaliado em: ____ / ____ / ____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientadora

Prof.^a . Dienne Marly de Souza Pontes.

Examinadora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D722f dos Santos Brandão, Welma.
Formação docente : As reflexões sobre a trajetória de vida e de
formação de uma educadora do município de anapu / Welma dos
Santos Brandão. — 2023.
33 f.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Denne Marly de Souza Pontes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2023.

1. Educação. 2. Prática docente. 3. Formação docente. I.
Título.

CDD 370

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, pela oportunidade que me concedeu, de iniciar e concluir um curso que sempre foi um sonho em uma instituição tão renomada como a UFPA. A minha mãe e ao meu pai pelo seu amor e cuidado. Aos meus irmãos, que tanto amo. Aos meus amigos e colegas, que o conheci no decorrer deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder e me fortalecer durante toda a minha trajetória de vida, que sempre nos momentos mais difíceis me amparou e colheu cada lágrima que derramei me sentindo sozinha, no entanto tu nunca me desamparaste. Agradeço pela oportunidade de ter meus pais e meus irmãos que me incentivaram a estudar e descobrir que nasci para ser educadora “alfabetizadora”.

Um agradecimento mais que especial aos meus amigos, pelo apoio dedicado à minha pessoa durante minha trajetória acadêmica. Quantas vezes ficaram ao meu lado, enquanto eu digitava, lia livros, pesquisava, mas não me deixava sozinha! Muito obrigada meus amigos. Um agradecimento mais que especial a minha amiga irmã Pedrina Silva, se não fosse por seus incentivos e conselhos, com a permissão de Deus eu não estaria finalizando este curso. Obrigada minha querida, nenhuma palavra será suficientemente para externar o tamanho da gratidão que tenho por você. Obrigada!

A minha gratidão a todos os meus queridos colegas de faculdade, pela parceria e troca de experiências e saberes no cotidiano da faculdade. Aos meus estimados professores do curso de licenciatura em pedagogia, pelas diversas vezes que me fizeram refletir em meio às aulas, debates e seminários que ocorrem no decorrer deste curso. Gratidão é o que sinto. Sou extremamente grata a Deus pelas amigas e amigos que vou levar para vida toda.

Não poderia deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Especialista Dienne Marly Pontes, que desde o início escolhi como minha orientadora, e tive o privilégio de ser atendida. Obrigada pelo trabalho excelente que desempenhou, com seu modo único de se expressar, pela confiança, compreensão e acima de tudo pela paciência, de modo que até nos momentos mais inesperados quando pedia socorro, estava pronta para me ajudar. Sua contribuição enquanto orientadora foi inestimável. Reafirmo a frase que marcou a nossa jornada juntas “Cada orientador tem o orientando que merece”. Muito obrigada!

EPÍGRAFE

Acreditar no próprio sonho e batalhar por ele é o primeiro passo para transformar desejo em realidade.

(Cora Carolina)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, em forma de memorial abordará a importância da formação continuada para a prática do professor em sala de aula. A problemática se apresenta no seguinte questionamento: Qual a importância da formação inicial e continuada do professor para desenvolvimento das aprendizagens em sala de aulas? Tendo como objetivo identificar, como as formações inicial e continuada influenciam no desenvolvimento das atividades diárias do educador em sala de aula. Estarei utilizado como metodologia, uma pesquisa do tipo reflexiva autobiográfica, com abordagem qualitativa. Para fundamentar este trabalho, estarei buscando em Tardif (2007), mostrando que as práticas docentes, Nóvoa (1992, p.13), e suas afirmações no que se refere a importância da formação continuada do professor, Freire (2008) para mostrar a necessidade do respeito que o professor deve ter pelo conhecimento que o aluno traz com ele que precisa ser trabalhado na sala de aula. Este trabalho estará estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo estarei relatando fatos marcantes da minha vida em família, no segundo capítulo a minha trajetória como estudante no decorrer do Ensino Fundamental e Médio. Já no terceiro capítulo, sobre minha formação e a minha carreira. No quarto capítulo abordarei o curso superior. Por fim farei as considerações finais, em que mostrarei os resultados obtidos por essa pesquisa.

Palavras Chaves: Educação. Prática Docente. Formação Docente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPITULO I O REBUSCAR DA MEMÓRIA	11
1.1 A família: a matriz da vida.....	11
CAPITULO II TRAJETÓRIA ESCOLAR.....	14
2.1 Memórias da escola: meus primeiros passos rumo a escola.....	14
2.2 ENSINO FUNDAMENTAL	17
2.3 ENSINO MÉDIO	20
2.4 Mudança para a a minha cidade atual Anapu-PA: escola e vida no campo	22
CAPÍTULO III TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	23
3.1 O medo da docência.....	23
3.2 A trajetória docente	24
CAPÍTULO IV REALIZANDO O SONHO DO NIVEL SUPERIOR	27
4.1 PARFOR- O caminho para o Diploma de Pedagoga.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERENCIAS	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresentado aborda a importância da formação continuada para o bom desempenho do educador. Entende-se a relevância de se refletir sobre este tema, quando observamos que muitas pessoas não sabem ler e escrever, em pleno século XXI no Brasil. Acredita-se que um dos fatores causadores desta problemática pode estar relacionada aos modelos educacionais estabelecidos até bem pouco tempo. Sabemos que já houve mudança, principalmente as trazidas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), porém ainda há muito para ser feito, principalmente nesse momento em que vivenciamos as consequências das lacunas de aprendizagem deixadas pela pandemia do COVID-19, em que muitas crianças ficaram sem estudar e hoje estão em sala de aula com lacunas de aprendizagem. Situação que requer ainda mais estudo e pesquisa por parte do professor para que possa adequar suas aulas visando atender as demandas de aprendizagem que estarão nas salas de aula.

A relevância dessa pesquisa encontra-se no entendimento de que a formação continuada do professor se faz necessária para melhorar a qualidade do ensino e isso se dá através da reflexão e da busca por metodologias que possam garantir o estabelecimento de aprendizagens significativas. Esta observação é reforçada por Tardif (2003), quando nos mostra que planejar aulas motivadoras ainda é um desafio para os educadores, pois muitas vezes suas práticas profissionais são marcadas por uma formação obsoleta, ou seja, ultrapassada e não atendem as necessidades da sociedade atual.

A formação docente, de maneira geral, tem sido bastante debatida visando a garantia de políticas públicas que possibilitem a melhoria da qualidade do ensino, posto que a educação precisa acompanhar o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais informatizada e exigente.

O profissional consciente sabe que sua formação não termina na Universidade. Esta lhe aponta caminhos, fornece conceitos e idéias, a matéria prima de sua especialidade. O resto é por sua conta. "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática". (FREIRE, 1991, p.

58). Muitos professores, mesmo tendo sido assíduos, estudiosos e brilhantes, tiveram de aprender na prática, estudando, pesquisando, observando, errando muitas vezes.

Diante ao exposto, surge o seguinte questionamento: Qual a importância da formação inicial e continuada do professor para desenvolvimento das aprendizagens em sala de aulas? Estarei respondendo tal questionamento através dos relatos sobre minha trajetória de vida e acadêmica utilizando como tema : **FORMAÇÃO DOCENTE**: as reflexões sobre a trajetória de vida e de formação de uma educadora do Município de Anapú. Tendo como objetivo identificar, como as formações inicial e continuada influenciam no desenvolvimento das atividades diárias do educador em sala de aula.

Utilizou-se uma pesquisa do tipo reflexiva autobiográfica, que de acordo com Gil (2002), possibilita ao sujeito autor, estabelecer relação entre o assunto descrito e o tema escolhido. Com abordagem qualitativa, que Severino (2002), explica que ela permite ao pesquisador, ser ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas.

O gênero escolhido foi o memorial, que possibilitará transcrever de forma individual as vivências que denotam as experiências adquiridas no decorrer da vida. Corroborando a isto, Campos nos mostra que:

O memorial possibilita a inserção no sujeito não só no fazer do texto, mas também na temática do texto, alocando-o na esfera construtiva do processo científico como um sujeito social, produtor e produzido pela linguagem. (2015, pag. 23).

Nele as pessoas podem expressar a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas, desafios e sucessos que marcam a sua trajetória, tanto na vida pessoal, quanto profissional e acadêmica.

Para fundamentar este trabalho, estarei buscando em Tardif (2003), para abordar sobre as práticas docentes em que o autor fala que elas são adquiridas no decorrer da história de vida e da carreira profissional do educador. Diz também, que são temporais, pois “ensinar supõe aprender a ensinar”, ou seja, o professor precisa estar em constante aprendizado para que progressivamente aproprie-se dos saberes necessários à realização do trabalho docente. Porém, destaca que a prática

pedagógica poderá ser reformulada à medida que o educador entra em contato com novas experiências educativas.

Nóvoa (1995), para mostrar que a formação continuada, deve ser entendida como parte do desenvolvimento profissional, devendo acontecer no decorrer da atuação docente, para que assim, o professor possa refletir, contextualizar novas circunstâncias, revendo e ressignificando sua prática em sala de aula.

Freire (1996), que nos traz importantes contribuições dizendo que todos os seres são inacabados e que, portanto, a busca pelo aprendizado deve ser constante. Mostra ainda que é importante respeitar e valorizar o conhecimento prévio do educando, sendo estes, incorporados as suas práticas, como um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Pontua ainda, que o aprendizado precisa acontecer através de trocas, em que o sujeito que ensina também aprende.

Este trabalho estará estruturado em quatro capítulos que darão consistência a explanação da minha narrativa. O primeiro capítulo será introdutório. No segundo capítulo, estarei relatando fatos marcantes da minha vida em família e a minha trajetória como estudante no decorrer do Ensino Fundamental. Já no terceiro capítulo, relatarei sobre minha formação no magistério e a minha carreira profissional. No quarto e último capítulo abordarei a respeito do tão almejado sonho de um curso superior, realizado em uma das Universidades mais bem-conceituadas do estado, a Universidade Federal do Pará, que me proporcionou ingressar através do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores). Por fim farei as considerações finais, em que mostrarei os resultados obtidos por essa pesquisa.

CAPÍTULO I O REBUSCAR DA MEMÓRIA

1.1 A família: a matriz da vida

Meu nome é Welma Dos Santos Brandão , nasci no dia 21 de junho de 1987, no município de Marabá (PA), sou a terceira filha de uma prole de quatro irmãos, sendo que um adotivo. Fui criada até meus cinco anos de idade na minha terra natal. Porém meu pai resolveu vender a terra que era pequena, em busca de melhorias, comprou uma maior de vinte alqueires no município de Curionópolis (PA), há 40 km, distante da cidade.

Posso dizer que minha infância foi ótima, morava no interior e era muita sapeca, pois tinha toda a natureza e o tempo livre para brincar. Meus pais sempre me deixaram livre para aproveitar minha infância: eu brincava com os meus amigos, meus primos, subia nas árvores, jogava bola, comia frutas, banhava na represa, tomava banho de chuva.

Como é possível perceber, sou moradora do campo e dele trago muitas marcas de um povo que luta dia a dia por condições melhores. Considero-me Campesina, pois atendo o que demanda o Decreto 7352/2010 em seu artigo 1º, pois estabelece que são considerados os sujeitos do campo:

Populações do campo: agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

Escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo (BRASIL, 2010).

Por ter nascido e vivido toda minha vida no campo, posso dizer que o povo do qual o texto se refere, é marcado pela pobreza e falta de políticas públicas mais eficazes. Lugar onde muitos envelhecem e morrem, sem nunca ter tido o registro oficial de seu nascimento.

Assim, os relatos que estarei trazendo para este debate, foram estabelecidos de forma empírica, pois convivi com pessoas mais velhas que, por falta de formação e informação, conviveram a vida toda com o descaso do poder público, aceitando o pouco que chega até eles de forma passiva, pois existe, entre muitos de nós, a concepção de povo inferior e menos importante que os da capital. Pensamento este, que é passado de geração para geração.

Nesses povoados, as famílias são obrigadas a tirar seus filhos da escola para ajudar no sustento e, na maioria das vezes, essas crianças não voltam, dando continuidade ao ciclo analfabetismo e semianalfabetíssimo, que faz parte da nossa triste história.

Como criança sempre fui muito observadora e sabia das dificuldades que a família passava, meu pai sempre trabalhou na roça, mais foi um pai muito preocupado com o que a gente ia comer, com a distância da cidade não tinha

estradas e com isso tornava-se muito difícil ter acesso a cidade, então tudo que nós comíamos eram frutas e legumes do que o meu pai plantava e colhia.

Naquela época, para enfrentar as dificuldades existentes, principalmente com a alimentação, minha mãe tinha que trabalhar também para nos dar alimento ajudando meu pai. Por não ter escolarizada, ela se virava da maneira que podia: trabalhava na roça com meu pai, quebrava coco babaçu. Fez muitos sacrifícios, para ajudar meu pai garantir, por muitas vezes, o sustento da casa. Por diversas vezes, a ouvia dizer que não queria para nós, seus filhos, a vida que eles tinham.

Segundo Hage (2011), trata-se de uma realidade ignorada, inclusive nas estatísticas sobre educação no país. Constatando ainda que, a educação dos sujeitos do campo tem sido relegada a segundo plano, devido à marginalização, ao descaso, à falta de reconhecimento e de políticas públicas voltadas para a referida área e também devido ao poder público, ao longo dos tempos, ter negado a identidade do povo do campo, bem como seus direitos.

Em 1992, os vizinhos se reuniram para ir a cidade atrás de autorização para abrir uma escola no interior onde nós marávamos, os moradores conseguiram, foi aprovada a escola, a comunidade ficou feliz e as crianças mais ainda porque iam estudar, fiquei triste pois eu não iria junto, pois tinha seis anos de idade e não haviam turmas para a minha idade.

Nesse período a educação do nosso país era regida pela LDB(Lei de Diretrizes e Bases) Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que não obrigava o estado ofertar educação infantil, dividia o ensino em:

Art. 1º. O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

§ 1º Para efeito do que dispõem os artigos 176 e 178 da Constituição, entende-se por ensino primário a educação correspondente ao ensino de 1º grau e por ensino médio, o de 2º grau.

§ 2º O ensino de 1º e 2º graus será ministrado obrigatoriamente na língua nacional." (Cap.1.1971)

Os moradores fizeram um mutirão para construir a escola. Meu pai cedeu um espaço da roça dele de plantações de legumes, a escola foi feito dentro da roça coberta de palha, com forquilhas, era toda aberta, os bancos eram feitos com toras

de pau e o lugar de colocar o caderno para escrever era numa tabua e tinha um quadro negro pequeno. Meu pai destacava a importância da escola e o entusiasmo de realizar juntamente com a minha mãe seu projeto em dar a educação aos filhos. Fato que hoje entendo como, negligência do estado para conosco, haja vista que estão nos negando um direito estabelecido pela Constituição Federal de 1988, em seu Art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho e a prática social.

Já a Lei de diretrizes e Bases (LDB), em seu Art. 02, demanda que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ao me reportar a lei entendo que, por falta de informação e instrução, problemas que também são resultado da negligência do poder público, muitos de nós acaba por realizar tarefas que são de competência do estado, o eximindo da responsabilidade de garantir acesso e permanência na escola como está descrito na lei. Se o poder público tivesse o mínimo de sensibilidade para com o povo do campo e suas necessidades básicas, hoje não teríamos índices altos de analfabetismo e de crianças fora da escola.

CAPITULO II TRAJETÓRIA ESCOLAR

2.1 Memórias da escola: meus primeiros passos rumo a escola

Sempre tive muita vontade de ir para a escola e ao ver meus irmãos indo, ficava em casa chorando pra ir junto com eles. Não frequentava a escola por não ter a idade mínima para ser matriculada. Mas, minha mãe foi até a escola e conversou com o professor para eu frequentar as aulas até ter a idade certa para me matricular.

Recordo-me do meu primeiro dia na escola. Era um misto de sentimentos: felicidade, ansiedade, vergonha, medo... Mas, logo fui me adequando naquele ambiente, até porque conhecia todos que estudavam ali, inclusive o professor,

conhecido por professor Moura. Meu acesso à leitura e à escrita foi muito boa, pois sempre fui muito dedicada e logo comecei a aprender as letras.

Logo no início das aulas o professor precisou ir embora, como não tinha pessoas formadas e era muito longe da cidade sem acesso a estrada, era muito difícil achar pessoas para ir dar aula.

Por esse motivo a secretaria convidou minha mãe Aldenora, para ser a professora da turma, ela aceitou, quando ela chegou na sala de aula viu que eu com seis anos de idade estava mais adiantada do que os alunos que já estava na idade certa, ela fez as anotações foi até a secretaria e conversou com a secretária, a secretária disse que eu poderia ficar como ouvinte mais que podia dar problema mais na frente nos meus estudos, mesmo assim minha mãe continuou comigo na sala de aula. Lembrando que minha mãe não tinha formação para isso. Porém nessa época o ensino ainda era regido pela LDB nº 5.692/71, que estabelecia os seguintes critérios de formação para o exercício da docência:

Art. 77. Quando a oferta de professores, legalmente habilitados, não bastar para atender às necessidades do ensino, permitir-se-á que lecionem, em caráter suplementar e a título precário; no ensino de 1º grau, até a 8ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 4ª série de 2º grau; no ensino de 1º grau, até a 6ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 3ª série de 2º grau; no ensino de 2º grau, até a série final, os portadores de diploma relativo à licenciatura de 1º grau.

Parágrafo único. Onde e quando persistir a falta real de professores, após a aplicação dos critérios estabelecidos neste artigo, poderão ainda lecionar: no ensino de 1º grau, até a 6ª série, candidatos que hajam concluído a 8ª série e venham a ser preparados em cursos intensivos;

Como é possível perceber, a própria lei, reconhecia a carência de professores habilitados, permitindo o exercício da docência de forma precária em caráter suplementar, com a perspectiva de que seriam preparados em cursos intensivos.

No entanto, não lembro se nessa época minha mãe participou de qualquer curso de formação, minha reflexão acerca desta problemática parte do entendimento de que ainda hoje, mesmo com tantas mudanças no sistema educacional brasileiro, observo situações parecidas acontecendo tanto no município onde moro, quanto os em torno dele.

No meio do ano com o meu desenvolvimento já ajudava a minha mãe pegar a leitura dos meninos, quem não soubesse a lição ficava de castigo na frente do

quadro em pé ou de joelhos, nunca fiquei de castigo era uma menina inteligente e comportada, o que mais queria era aprender.

Hoje, após leituras realizadas entendo que essa pratica não contribui para o aprendizado. De acordo com Freire (1996) no exercício da docência exige formação profissional. Segundo ele, para ser professor e promover o aprendizado, é necessário:

Rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade, competência profissional (FREIRE, 1996, p.14)

No entanto, não culpo minha mãe por não compreender esses conhecimentos pedagógicos, pois ela não tinha formação adequada e fazia o que considerava pertinente. Acredito que o grande responsável por tamanha falta de responsabilidade é o poder público que ignora as leis, relegando o povo camponês a uma educação deficitária que em nada contribuirá com a formação de um sujeito crítico consciente dos seus direitos e que possa exigir que sejam cumpridos.

Fazíamos sempre as mesmas coisas, reforçando o entendimento de tudo poderia ser diferente se minha professora/mãe tivesse formação específica, se participasse de cursos que promovesse o estudo e a reflexão, que proporcionasse a minha mãe o desenvolvimento de metodologias didático-pedagógicas diferenciadas e adequadas a cada estudante. Ainda segundo Freire (1996):

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (...). Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. (1994, pág., 18).

Após esta leitura fico imaginando o quanto poderia ter sido diferente meu aprendizado nas séries iniciais se houvesse maior preocupação com a formação inicial e continuada dos educadores, pois aprendi a ler com facilidade, mas a interpretação de textos, ou seja o uso social da escrita, ainda hoje é uma dificuldade para mim.

2.2 ENSINO FUNDAMENTAL

Em 1994, mudamos de escola, que era aonde funcionava a igreja continua toda aberta, mudamos por motivos que era mais longe da mata e perto do arrastão, que é uma estrada feito manual pelos moradores. Nessa época eu já estava com sete anos e já poderia cursar a 1ª série do Primeiro Grau. De imediato, não tive dificuldade em me adaptar na escola, pois sempre fui muito esperta. Como já sabia todas as letras logo aprendi a ler.

Estudei nesta escola apenas dois anos e, novamente mudamos para a outra escola que já não era mais na terra do meu pai. A comunidade se reuniu mais uma vez e fizeram uma escola toda fechada de madeira coberta de telhas Brasilit que a prefeitura deu. Na escola haviam duas salas, só que não era dividida no meio, primeira e segunda série viravam para uma parede, que tinha dois quadros negros pequenos e a terceira e quarta viravam para a outra parede que também tinha dois quadros negros pequenos.

Arroyo (2010), também faz importantes considerações acerca da negligencia do estado que obriga o sujeito do campo abandonar seus afazeres que garantem o sustento de suas famílias, para realizar atividades que deveriam estar sendo feitas pelo poder público. Nesse sentido, o autor pontua que, quanto mais distanciarmos nossas análises sobre fatos que promovem as desigualdades, mais estaremos omitindo o papel do Estado enquanto reprodutor de um sistema desigual. Desta forma, quando condenamos os alunos do campo e suas famílias pelo fato de não concluir os estudos, estamos inocentando o Sistema, o Estado e suas instituições. Estaremos apagando décadas de produção de desigualdades.

Nesse período fiquei reprovada no componente curricular matemática, por 0,5, décimos, que opor incrível que pareça também é a que mais me identifico. Esta situação me inquietou a vida inteira, hoje penso que isso está relacionado ao fato de que minha professora não tinha formação específica e, por falta de conhecimento e formação continuada, não conseguiu realizar uma avaliação que contemplasse aquilo que eu realmente havia aprendido.

Esse tempo eu já estava estudando a quarta série, minha professora era minha tia Brígida, esse foi o ano que mais fiquei triste, pois eu sempre me dedicava

nas aulas e foi o ano que reprovei na matéria de matemática que era a matéria que eu mais gostava e gosto até hoje.

Com essa reprovação eu fiquei revoltada e meus pais também, chorei bastante, aí foi quando minha mãe decidiu me tirar da escola, meus tios, os vizinhos também tiraram os filhos deles, e matricularam nós na escola Tancredo de Almeida Neves na cidade de Curionópolis (PA).

Lembro-me do meu primeiro dia na escola na cidade. Toda feliz que estava estudando na rua no mesmo tempo com vergonha, com medo por não ter costumes de ir à rua porque onde morávamos naquele tempo não tínhamos estradas para tráfego de veículos, para chegar até a beira da estrada tinha que andar a pés ou a cavalos 10 km, então por esse motivo minha mãe levava nós para a cidade só quando era preciso mesmo tipo: caso de doenças ou por não ter um adulto que ficassem com a gente. mas logo fui me acostumando a minha professora Joana era muito receptiva então fez com que fosse perdendo o medo.

E foi nesse tempo que eu, meus primos e meus colegas passamos por dificuldade para chegar até a escola, pois precisávamos andar três quilômetros a pé. Acordava as três horas da manhã, pegava nossa merendinha que nossa mãe fazia, nossa mochila e um candeeiro para alumiar o nosso caminho que era uma trilha no meio da mata, as vezes o candeeiro apagava na estrada, porque o pavio estava curto, então nós parávamos e íamos puxar o pavio para acender, com isso as unhas ficavam preta da fumaça de óleo diesel, arrumávamos e seguíamos o caminho.

Quando estava chovendo nós tirava o sobrinha da mochila para não se molhar, quando era chuva de vento o sobrinha virava para cima e até que conseguia arrumar e já estávamos todos molhados, e assim seguia o caminho. Quando era cinco e meia da manhã chegávamos na beira da estrada onde o nosso transporte, que era uma Combi, já estava lá nos esperando.

Para chegar a escola nós rodávamos 37 km na Combi com vinte alunos, uns sentados no colo do outro, na estrada tinha os atoleiros, o carro atolava nós tínhamos que empurrar, todos ajudavam preocupados que iríamos chegar atrasados para assistir a aula que começava as sete da manhã, algumas vezes que o carro quebrava, não tinha como ir pra escola e nem voltar para casa porque era muita criança, passava outro carro, mas não cabiam todos, então ficávamos na estrada

com fome e sede até o motorista ir na rua pegar outro carro para nos levar de volta para nossas casas.

Com relação aos desafios que os estudantes do campo precisam enfrentar para ir a escola, Hage (2005), mostra que professores e estudantes do campo, enfrentam muitas dificuldades, dentre elas às longas distâncias percorridas para chegarem à escola, vindo a pé, de barco, bicicleta, ônibus, à cavalo, muitas vezes sem se alimentar, enfrentando jornadas que chegam a 12Km e 8h diárias.

Diante ao exposto é possível perceber que, na verdade somos um povo a que foi e ainda é negligenciado pelo Sistema. Entendo que o direito à educação está atrelado a todos outros direitos fundamentais da pessoa humana, se nos negam uma educação de qualidade, estão tirando de nós à possibilidade de pensar criticamente, impedindo a nós e as novas gerações, conceber a importância que a educação exerce na formação do cidadão.

De acordo com Hage (2005) a precarização das escolas do campo se faz notar por um conjunto de particularidades que comprometem o processo de ensino-aprendizagem. O autor mostra ainda, que a instituição influi no desenvolvimento da criança, além do fato das escolas não oferecem nem um conforto, a maioria delas são barracos cobertos de palhas ou cavacos, sem estrutura, as carteiras de madeiras bem antigas, algumas com braços quebrados, outras são bancos de tabuas, outras escolas são construídas de madeira, muito antiga, na maioria delas estão comidas por cupins, cobertas de telha Brasilit, onde o calor é escaldante ou com goteira que molha os cadernos e sem banheiro essa é a triste realidade que vivem as crianças e jovens que ali estudam.

Um dos momentos que nunca esqueço era que mesmo com essa dificuldade toda para chegar à escola, tinha uns colegas da sala de aula que morava na cidade, faziam chacota porque éramos da roça, isso doía tanto, ficava com vergonha, chorava, que dava vontade de parar de estudar, chegava em casa contava para meus pais eles davam conselhos para não parar de estudar e não ligar para isso. E com isso continuamos estudando, fui aprovada fiquei muito, muito feliz por ter terminado o fundamental menor que era no período da manhã e ia estudar o fundamental maior à tarde.

Em 1999, comecei estudar a quinta serie só que no período da tarde, fazia o mesmo trajeto. Saia de casa às dez e meia da manhã para pegar o transporte que saia do ponto onze e meia da manhã. Uma nova realidade e novos aprendizados, como fazer fileira no pátio para cantar o hino nacional. Foi um processo de adaptação com os novos colegas e a metodologia de ensino que a cada quarenta e cinco minutos mudavam de professor.

Em 2000, comecei estudar a sexta série, não foi muita novidades pois os meus colegas de turmas eram os mesmos e os mesmos professores, foi um ano muito proveitoso, fui aprovada para o sétimo ano mais com dependência em matemática.

Nesse ano que fiquei de dependência foi muito bom para o meu desenvolvimento o meu professor FRANCISCO DE ASSIS, tinha uma prática muito boa como: debate entre turmas da 5ª a 8ª serie, onde tínhamos que estudar a tabuada e depois de uma semana de estudos tinha o debate como jogo do dado que envolvia as quatro operações, isso foi muito bom aprendizados para a vida toda.

Em 2001, foi o ano marcante, por eu ter ficado em dependência de matéria, por eu morar na zona rural não tinha como eu ir e voltar no ônibus para pagar matéria, meu pai comprou uma casa na cidade Curionópolis (PA), para eu e meu irmão morar lá, para não perder o ano, fiquei muito abalada por nunca ter ficado longe da minha família, não foi fácil consegui vencer e ser aprovada para o ano seguinte.

No ano de 2002, cursei a oitava série, por motivo de meu irmão ter desistido um ano, acompanhei ele nos estudos, ficamos na mesma turma, sempre que os professores passavam trabalho fazíamos juntos era muito bom, um ajudava o outro. Com muita garra, dedicação e força de vontade completei o Ensino Fundamental, fui aprovada.

2.3 ENSINO MÉDIO

Eu estava preparada para o próximo nível de Ensino. A euforia era uma mistura de sentimentos, ansiedade frente às mudanças de horários do turno da tarde para a noite, porém estava mais tranquila porque meu irmão, meus colegas de turma

do fundamental iriam estar comigo e continuaríamos na mesma sala na escola Tancredo de Almeida Neves no ano de 2003.

Logo com o passar o tempo fui percebendo a dificuldade em acompanhar os conteúdos, o que mais me deixava nervosa, eram as apresentações de seminários e os professores já eram mais rígidos.

Os conteúdos eram passados de maneira mecânica, não havia diferença na maneira de repassar o conteúdo de alguns professores, eram na maioria das vezes da seguinte forma; eles entravam na sala, faziam a chamada, enchiam o quadro de conteúdo, explicavam e passavam atividade valendo ponto, ou então passavam um trabalho para entregar escrito no papel com pauta ou cartolina. Era sempre assim, nada mudava!

Freire (1996) enfatiza que é necessário criar condições para a construção do conhecimento pelos próprios educandos, possibilitando um processo de trocas de saberes, em que um aprende ao ensinar e o outro ensina ao aprender, porque ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua construção. E assim seguia-se o bimestre até chegar a semana de revisão e finalmente a temida prova. Na semana de revisão os professores passavam a atividade no quadro com questionários para decorarmos.

Era dessa maneira que os professores ministravam suas aulas, com exceção de um, de geografia que passava o trabalho de pesquisa e você tinha que explicar lá na frente o que havíamos entendido. Nossa, eu achava o máximo, mas ficava nervosa, é claro, porém ia explicar e era mágico, afinal poderia mostrar que havia pesquisado e estudado. Segundo Freire (1996) é importante que o professor instigue o aluno a pesquisar, perceber criticamente e modificar o que está condicionado, mas não determinado, passando a ser sujeito e não apenas objetos da sua própria história.

Após muitas leituras proporcionadas pelo curso de pedagogia, percebo que aquela metodologia utilizada pelo professor Amarildo me ajudou a constituir a profissional que mais tarde eu poderia ser.

Mas como sempre fui muito dedicada no que faço, não deixei me abalar com isso, conseguir enfrentar as dificuldades me esforçando para alcançar a média e ser aprovada.

Certa vez, logo no primeiro dia de aula da turma do 2º ano, o professor levou para sala de aula uma caixa toda enfeitada, ficamos curiosos...Dentro da caixa havia perguntas a respeito da disciplina. Foi uma aula dinâmica e muito proveitosa. Confesso que a partir daquele momento tive certeza que aquela era a profissão que eu gostaria de exercer e era daquela forma que eu conduziria minhas aulas.

Tardif (2003) interpreta o conhecimento docente como um saber plural, baseado na união dos saberes referentes da formação profissional, de saberes disciplinares, de saberes curriculares, e de saberes oriundos das experiências, sendo então, o conhecimento a interação entre a identidade pessoal e social do indivíduo, destacando os saberes da experiência como os de maior atuação.

Frequentei essa escola por seis anos, com muitos momentos gratificantes vividos ali: os amigos, as brincadeiras, os professores serão lembrados sempre com muito carinho.

Mas, como meu pai estava sempre em busca de melhorias para a família, ele resolveu procurar terra com bom preço para comprar e encontrou no Município de Anapu. Ficamos todos chorando por ter que deixar os parentes, amigos e sem saber como era a cidade.

E mudar novamente, agora não mudamos apenas de cidade, mas de estado, ou melhor, de região. Saímos do Sul do Pará rumo ao Norte, sem ter a mínima ideia para onde estávamos indo.

2.4 Mudança para a a minha cidade atual Anapu-PA: escola e vida no campo

Meu pai já estava decidido em vir para Anapu, a convite de seus amigos, que já estavam morando aqui, que já tinha terra e relatava que aqui tinha mais oportunidades de trabalho e maior facilidade para se conseguir uma terra barata para plantar. E em busca dessas oportunidades, mudamos para Anapu (PA), local onde moro.

Lembro-me que não foi fácil para nós, pois dessa vez era totalmente diferente. Estávamos muitos abalados pois não tinha ninguém de nossa família, ficaram todos para trás. Ao chegar aqui no dia 12 de março de 2004, achei tudo muito diferente, a começar pela casa, pois lá onde morávamos a casa era nossa,

quando chegamos aqui ficamos nas casas dos outro do ELBE, até encontrar uma casa para alugar.

Ainda convém lembrar o momento em que chegamos, do quanto estranhamos o lugar logo que chegamos em Anapu. Inicialmente, pensávamos que moraríamos em nossa casa própria, até que meu pai alugou uma casa, ficávamos de segunda a sexta na cidade e nos finais de semana e feriados iríamos para uma terra que meu pai comprou a 15 Km da cidade. E quando viemos não estava gostando do que estava vendo: muita mata, poucas casas e muito distante umas das outras, sem energia. Todas estávamos assustadas com tudo aquilo. Recordo perfeitamente de tudo. As vicinais que já tinha morador pra lá eram povoados.

Instalados, fui matriculada na nova escola Maria José Santana. No primeiro dia fiquei com vergonha por ser uma turma com alunos diferentes sem conhecer ninguém, mas tranquila porque meu irmão estudaria na mesma turma que eu e feliz por saber que ia conhecer novas pessoas. Estudei o segundo ano em 2004 fui aprovada, retida em duas matérias Língua Portuguesa e Matemática.

Nesse tempo os professores eram todos formados, tinham graduação na suas áreas, alguns deles até hoje dão aula aqui no município, fiquei reprovada nessas duas matérias por desinteresse mesmo da minha parte, matava muita aula.

Em 2005, comecei a namorar um rapaz q estudava na mesma sala que eu fomos morar juntos engravidou do meu primeiro filho, e com muita dificuldade concluí o Ensino Médio. Foram momentos inesquecíveis que vivi, conheci pessoas novas, fiz muitas amizades.

CAPÍTULO III TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

3.1 O medo da docência

Depois de concluir o Ensino Médio, passei sete anos parada sem estudar, em 2007, recebi uma proposta do Secretário de Educação para trabalhar com as disciplina de Inglês, geografia e artes não fui por ter medo de não dar conta de dar aula de Inglês, então comecei trabalhar em uma laminadora Luiz Garate, trabalhei três meses a laminadora fechou.

Me separei como eu tinha que trabalhar para o meu sustento e sustentar meu filho, arrumei um serviço em uma churrascaria de ajudante geral, trabalhei um mês, por eu ta recebendo um valor baixo o meu salário resolvi ir procurar serviço no mercado O BARATEIRO, fui contratada e trabalhei por três anos de carteira assinada, como Operadora de caixa.

Em 2010 fui contratada pela prefeitura para trabalhar como Agente administrativo, no setor de regulação na saúde, fui promovida para chefe de setor por meu salário ter melhorado, comecei a fazer Administração Empresas, e nesse ano era ano político, um candidato a prefeito João Batista, me chamou para entrar como candidata a vereadora pelo partido dele PMDP em 2012.

Por eu ter aceitado ser candidata fui afastada do serviço, engravidei não consegui acompanhar as campanhas, como o prefeito da época ser contra os candidatos que apoiei, então não fui mais contratada. Porém, mas para minha felicidade o Prefeito que apoiei ganhou. Já estava cursando o segundo ano da faculdade tive que parar, por não ter condições de pagar as mensalidades por motivo de ter ficado grávida e desempregada.

3.2 A trajetória docente

Em 2014 tive minha segunda filha Gabriela, comecei trabalhar em uma lojinha gospel do meu irmão, um dia o Prefeito que apoiei estava sendo o atual, me ligou eu alegre atendi pensando será que serviço ele vai me dar, foi ai que quando ele me arrumou um serviço para você de professora, já fiquei nervosa eu não tinha formação para ser professora, mas precisava da vaga. Minha mãe que eu era inteligente e conseguiria. No outro dia arrumei meus documentos fui na prefeitura e entreguei. Já tinha passado a Jornada Pedagogica, mas fui pesquisar e buscar atividades para realizar com a turma e fui para a escola conhecer minha turma.

Sobre essa experiência, Freire (1996) mostra que o professor consciente sabe que sua formação apenas lhe aponta caminhos, fornece conceitos e ideias, a matéria prima de sua especialidade. O resto é por sua conta. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática.

Realmente o autor tem razão, é na prática e na reflexão dela nasce o educador. Assim, no segundo dia preparei uma atividade, na verdade um desenho para que as crianças pintassem, comprei um pacote de pirulito e fui para a escola aguardar os meus alunos.

Naquele dia foi uma sinfonia de choros que parece que os ouço até hoje. Em um dado momento, depois de distribuir vários pirulitos, consegui fazer com que cessassem os choros e finalmente pude organizar minha primeira aula.

Fizemos um círculo, cantamos e depois os coloquei sentados ali mesmo no chão e entreguei os desenhos para que pintassem. Foi sufoco, mas até ali havia conseguido, estava cansada, porém muito feliz, pois finalmente era de fato professora e não mais uma estudante ou estagiária.

Assim fiquei com esta turma de maternal, me aperfeiçoando e me apegando aquelas crianças a cada dia. Tudo estava acontecendo muito rápido, porém eu estava muito feliz com a profissão que estava exercendo e principalmente por ter sido incentivada por minha tia tão querida.

Um dos momentos inesquecíveis foi quando, cheguei na escola em 2014, fui bem recebida pela minha Diretora BILDINETE, conversou comigo e me mandou lá para uma escola anexo da sede EPITÁCIO PESSOA, cheguei lá me deparei com a coordenadora DILZA, que era maravilhosa me recebeu super bem, me deu apoio em tudo e assim entrei na minha sala de aula conheci já fiquei mais animada.

Então começamos a decorar nossas salas para receber nossos pequenos e foi aí que já comecei gostar da minha nova profissão, não sabia nem o que era E.V.A, imagina cortar, saia torto mais como a coordenadora era muito paciente foi falando como era e consegui decorar minha sala de aula. Lembro como se fosse hoje comecei trabalhar no período da tarde.

O primeiro dia de aula eu me apaixonei pela minha nova profissão, quando terminou a aula que olhei para os meus alunos tudo falando tchau tia isso flertou meu coração. E assim comecei a cada dia mais me esforçar e a me dedicar no meu trabalho, e foi com essa dedicação que mesmo só tendo o Ensino médio, sempre fui muito elogiada pelos pais, pelas minhas Diretoras e coordenadoras .

Recordo-me que lá na Escola Sede Epitácio Pessoa só tinha professoras com formação superior e concursadas, sempre que precisava de uma professora para substituir ou para tirar licença eu era chamada, ficava feliz por meu trabalho ser reconhecido, meus pequenos me amavam até hoje recebo elogios dos que foram meus alunos na educação infantil que hoje são adolescente me mandão mensagens me parabenizando e dizendo que estão com saudades, isso é muito gratificante.

Em 2018, fui transferida para escola Helena Cruz e lá trabalhei por um ano, foi um ano muito bom conheci novos colegas de trabalho, me recordo da minha coordenadora ROSANGELA, que era minha colega de trabalho por dois anos, aprendi muito com ela, vivi momentos importantes do lado dela , ela foi uma pessoa que sempre me incentivava fazer uma faculdade e foi nesse ano que me escrevi para realizar meu sonho dos meus pais que era me formar por uma Universidade Federal, já tinha me escrito antes mais não tinha sido selecionada, e foi no final desse ano que saiu a lista e para minha felicidade meu nome estava.

Em 2019, fui chamada novamente para a Escola Epitácio Pessoa sede, onde trabalhei por mais um ano foi tempos de muita aprendizagem. Em 2020 município fez um seletivo, por motivo de que para trabalhar nas escolas da zona urbana tinha que ter Nível Superior, então não pude me inscrever me escrevi para a zona rural e por tempo de serviço fui aprovada para trabalhar na Escola Santa Júlia há 07 km da cidade, fiquei ansiosa e feliz, pois minha mãe já trabalhava lá, meus filhos estudavam na escola.

Quando cheguei lá fui bem recebida pelo coordenador e por todos, foi uma rotina diferente mais foi muito prazeroso trabalhar por dois anos na escola Santa Júlia, pois eu já era conhecida na comunidade, minha mãe é moradora da comunidade e sempre estava por lá, então todos sabiam da minhas responsabilidades e nunca tive problema com ninguém.

Ao relatar uma parte importante da minha vida escolar no ensino fundamental, médio e dos lugares que já trabalhei fiquei muito contente, pois revivi momentos importantes e inesquecíveis, pois foi neste período que senti uma vontade imensa de me tornar uma profissional bem qualificada na Educação.

Acredito que as experiências como docente foram relevantes e que sou grata pela oportunidade, pois me possibilitou buscar conhecimentos a construção e

ampliação de novos conhecimentos, contribuindo para a reflexão sobre minha própria prática docente, me levando a compreender que precisava me qualificar, conhecer os métodos e técnicas de ensino, para que assim eu pudesse atuar com autonomia e capacidade técnica.

CAPÍTULO IV REALIZANDO O SONHO DO NÍVEL SUPERIOR

4.1 PARFOR- O caminho para o Diploma de Pedagoga

Como já falei anteriormente, ser uma profissional qualificada na educação era meu sonho, tentei na Faculdade Federal não tinha conseguido, no ano 2017, veio um polo aqui para o município de Anapu-PA, Delta Vieira, fiz minha matrícula em Pedagogia, em busca de conhecimento e um salário melhor, só que cada período que se passava as mensalidades iam aumentando.

Em 2018, saiu meu nome na lista me convocando para estudar pelo PAFOR, que é o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica, destinado aos professores em exercício das escolas públicas estaduais e municipais sem formação adequada como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Portanto, o programa surgiu justamente para amenizar um problema que vivenciei durante meu percurso como estudante. A falta de professores qualificados e com formação em nível superior. A Lei 9394/96, em seus artigos 61 a 65 do Título VI - Dos Profissionais da Educação, falam sobre a formação profissional, com destaque para Art. 62 e ao seu parágrafo único:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação. (BRASIL, 1996)

A lei vinha refirmar aquilo que eu já considerava importante, dizendo que não é mais permitido que professores sem nível superior atuem no ensino básico. Assim,

o programa me permitiu iniciar a vida acadêmica. Acredito que Deus tenha me preparado ao longo destes anos para que eu pudesse cursar o ensino superior em uma das instituições mais bem conceituadas do estado, a Universidade Federal do Pará.

Este programa é resultado da ação conjunta do Ministério da Educação (MEC), de Instituições Públicas de Educação Superior (IPES) e das Secretarias de Educação dos Estados e Municípios, no âmbito do PDE - Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. Este Plano funciona nas modalidades presenciais e a distância, com disciplinas ministradas no período do recesso e férias escolares.

No dia que soube que seria acadêmica de Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, fiquei muito contente pois eu estava separada do meu marido e tinha dois filhos para cuidar, conversei com minha família e eles me incentivaram a entrar pelo PAFOR, ia ser difícil por ter que abrir mão das férias e dos momentos com a família nesses quatro anos.

Seria a realização do meu sonho e dos meus pais, me formar numa Faculdade Pública. No dia 05 de Janeiro de 2019 entrei na sala de aula foi uma emoção muito grande e um pouco de medo, mais apesar de tudo estava vibrando de felicidades tinha alguns dos meus colegas de trabalho que também estava ali, conheci pessoas novas que veio de outras cidades.

Ao ingressar na Universidade contei com a participação de professores e disciplinas que contribuíram significativamente para a minha vida profissional e pessoal. Muitos usavam práticas inovadoras, que me faziam refletir sobre a maneira pela qual desenvolvia minhas aulas. No entanto, outros já me inspiravam certa crítica, me fazendo refletir em qual profissional eu me tornaria a partir daquele momento de ingresso na faculdade, uma vez que passei a compreender muitos assuntos nos quais eu não entendia e passei a refletir de forma crítica e reflexiva.

Sobre a possibilidade de refletir para rever sua prática, Tardif (2003), nos fala sobre essa construção ao longo da vida e das observações que realizamos marcados também pela construção da carreira, do saber profissional, a experiência de trabalho enquanto fundamento do saber.

O contato com as disciplinas de FTM de Linguagem e Matemática, Ludicidade e Educação me fizeram perceber a real concepção de termos de fato conhecimentos que são exigidos para se alfabetizar. Pude perceber que eu, enquanto acadêmica e professora alfabetizadora precisava aprofundar meus conhecimentos sobre tal processo, refletindo sobre minha práxis e conseqüentemente, melhorá-la.

Portanto, para mostrar a importância da reflexão crítica e da conscientização por parte do professor-aluno, recorro a Freire (1996), quando se refere à formação de professores como um processo permanente em que o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, pois acredita que é se pensando na prática executada que será possível melhorar a próxima prática.

As participações nas oficinas das disciplinas citadas acima me fizeram ampliar saberes acerca de diferentes áreas de conhecimento.

Acredito que o PARFOR é um curso formativo de docentes que utiliza situação de mediação de conferência da prática, buscando a significação teórica. Portanto, considero este momento que o PARFOR me proporcionou de fundamental importância para meu amadurecimento profissional e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este memorial teve o objetivo, descrever minha trajetória como aluna e como professora do campo, mostrando os caminhos que percorri para concluir minha formação em nível superior. Uma trajetória bem difícil, porém com lembranças positivas, que sempre me impulsionaram a não desistir e continuar acreditando que seria através do estudo que eu conseguiria mudar a situação em que vivia.

Ao finalizar este trabalho passei a compreender que apesar do acesso à educação ser um direito de todos, ao sujeito campesino ainda não é assegurado, já que para isso o ensino deveria ter qualidade e conforto para dar condições de aprendizado para o aluno em turmas multisseriadas, pois por mais que muitas políticas públicas já estejam implantadas, muita coisa ainda precisa ser feita para que o educando campesino seja alfabetizado e possa concluir a educação básica.

Dessa forma, pude constatar que as turmas multisseriadas são um desafio, mas que ao mesmo tempo podem ser uma possibilidade para a escola do campo, porém seria necessário proporcionar formação adequada aos educadores, que eles pudessem articular os conhecimentos que os educandos trazem de seu cotidiano com os conteúdos curriculares, proporcionando assim a união entre: realidade, educação, cultura e conhecimentos científicos a serem apreendidos em cada ciclo da vida e de diferentes áreas do conhecimento. Sendo assim poderia promover um ensino de qualidade, significativo valorizando os saberes, culturas, experiências, realidade do aluno no campo, dentre outros.

Entretanto, sabemos que formar professores nessa perspectiva envolve muito mais que o conhecimento dos conteúdos necessários à prática educativa, mas sim, a relação desses com o espaço rural, os saberes, e a forma de vida da população que constrói a sua existência e se constitui enquanto sujeitos de ação.

Compreendo que não podemos atribuir somente ao professor os problemas da educação no campo. Porém, sua formação e consequentemente sua atuação de forma de forma direcionada aos sujeitos campesinos poderia amenizar as dificuldades na construção da aprendizagem desse alunado.

Sendo assim, que esta prática deve estar centrada em fazer vigorar a construção do saber, levando em consideração alguns aspectos como: o

conhecimento prévio, as informações e opiniões através da oralidade e da escrita e um relacionamento afetivo e solidário, sempre se dispondo a ajudar, aliviando e/ ou amenizando as angústias dos alunos e buscando juntos a solução das dificuldades encontradas no decorrer de todo processo educativo na multissérie.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional n. 20, de 15- 12-1998. Brasília, 1988.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília.

ESTEVE, José M. **Mudanças sociais e função docente**. In: (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).]

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, Bernadete. **Formação de professores e carreira: Problemas e movimentos de renovação**. Coleção Formação de Professores. Campinas, São Paulo: Autores Associados. 1997

GIL .Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. SÃO PAULO. EDITORA ATLAS S.A.2002.

KISHIMOTO, Iuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2002

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, Antônio. (Org.) **Profissão professor**. 2.ed. Porto: Porto Ed., 1992.

NÓVOA, Antônio. **Formação de Professores e profissão docente**. In: (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1995.

PARÁ. Secretaria Executiva de Educação. **A educação básica no Pará: elementos para uma política educacional democrática e de qualidade Pará todos**. Vol. II. Belém-Pará, 2008.

PEREIRA, Rosenildo da Costa, **Sistema de Organização Modular de Ensino (Some) e a Inclusão Social dos Jovens e Adultos do Campo** . Universidade Federal do Pará (UFPA) 2016.

PERRENOUD, Philippe. **A Prática Reflexiva no Ofício do Professor: Profissionalização e Razão Pedagógica**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 26ª Reunião Anual da Anped, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed, São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério**. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, n. 13, 2001.